

## IDIOMA: UMA PONTE ENTRE O BRASIL E A ÁFRICA

José Luiz P. da Costa

*CORREIO DO POVO - 26/01/1975*

Quando dos preparativos para a participação de empresas brasileiras na I Feira internacional de dacar, a Câmara de Comércio Afro-Brasileira considerou como fato inarredável a necessidade da contratação de recepcionistas que falassem, além do Orof, língua nativa, o francês, língua oficial do país e o inglês - idioma oficial de países que estariam participando da Feira, como a Nigéria, Gana e outros - também o português. Aparentemente esse era um problema de difícil solução. Procurou-se, então, em escolas de nível médio e universidades, jovens senegalesas, filhas de pais cabo-verdianos ou guineenses.

Na verdade, encontra-se facilmente, nos mais diversos meios senegaleses, uma expressiva comunidade, a dos cabo-verdianos, como se autodenominam, que, apesar das muitas dificuldades que os fizeram afastar-se de seu país de origem, ainda hoje colônia de Portugal, procuram, mesmo longe de casa, preservar a cultura, as tradições de sua comunidade. No arquipélago do Cabo Verde também se fala o portuguesa, mas ali se forjou, com o passar dos anos, uma língua própria, o "crioulo", que é um português, pode-se dizer, imobilizado no tempo, eis que as expressões que o formam são as mesmas do português arcaico. A convivência com os cabo-verdianos - mulatos claros e mulheres muita bonitas - faz com que, em pouco tempo, se comece a entender o seu "crioulo".

A convivência com a comunidade cabo-verdiana foi parte do entrosamento que nós, brasileiros presentes à Feira Internacional, buscamos, e logramos conseguir, com as diversas etnias que formam a comunidade senegalesa. Mantivemos igualmente contato com o europeu ali residente, especialmente o francês, e com a colônia imigrante da Guiné- Bissau. E o que resultou de eminentemente prático, em termos comerciais é a constatação de que o africano necessita e deseja se adaptar à tecnologia brasileira, sob todos os aspectos a mais consetânea com a realidade que vive, principalmente em função do clima. Assim se pode explicar, com facilidade, a venda de várias fábricas CKD, durante a realização da Feira. Aliás, uma empresa gaúcha, de Caxias do Sul, a Marcopolo, hoje conta em seu ativo de sucessos, a montagem de duas fábricas de ônibus em território africano, uma na Nigéria e outra em Gana.

E, em termos de Senegal, ao examinar a questão da transferência de tecnologia nossa para aquele país para dali se irradiar à comunidade da África Ocidental, deve-se levar em consideração, como fatores altamente relevantes a participação dessas comunidades cabo-verdiana e guineenses, já que as mesmas falam o nosso idioma, além de oferecer, por tradição, uma mão-de-obra com tendências e aptidões técnicas. Um rápido levantamento de como vivem esses imigrantes irá demonstrar que são, ou relojoeiros, ou mecânicos, ou marceneiros, técnicos em eletrônica, etc.

## BRAÇOS ABERTOS

Aliás, entrevistando o médico Daniel Neves, presidente da Associação de Ajuda aos Residentes Cabo-verdianos no Senegal, el defendeu a importância de uma eventual participação dessa comunidade, dentro do plano brasileiro de intensificar o seu comércio com países africanos. Dizia, então, o entrevistado: "Só posso afirmar que apoiamos a iniciativa do Brasil de colaborar no desenvolvimento do Senegal E, particularmente no caso de minha comunidade aqui residente, poderá se observar, ao visitar as fábricas do Senegal de montagem de automóveis, relojoarias, lojas de costureiros e outras, a sempre constante presença de um cabo-verdiano que, em geral, ocupa uma posição de destaque, porque aprendeu corretamente a fazer o ofício que exerce, e têm dado um rendimento, creio, importantíssimo. Assim, considerando que falamos a mesma língua, e que nesse mercado o idioma é um vínculo muito importante, poderemos desenvolver um papel relevante na medida em que o Brasil se julgar confiante nessa mão-de-obra. As perspectivas são ótimas, excelentes até, porque isso poderia solucionar um certo número de problemas econômicos que se põem cada vez mais a muitos cabo-verdianos aqui do Senegal. Seriam novos horizontes a garantir a subsistência de uma comunidade que está historicamente ligada ao Brasil. Nossa comunidade, assim, está de braços abertos, com suas potencialidade, à espera do homem de empresa brasileiro, que se dispõe, agora, a vir para o continente africano".

## COMUNIDADE LUSOFÔNICA

Em África as expressões "francofonia" "anglofonia" são encontradas com facilidade, ao estar em consideração a ascendência da língua francesa ou inglesa, em territórios africanos. Mas recentemente se começou a falar em uma nova comunidade, a comunidade "lusofônica". A primeira vez que ouvimos o neologismo foi de parte do Dr. Daniel Neves, que, tecendo considerações a respeito da situação de sua comunidade na vida do Senegal e das expectativas de uma mais efetiva participação brasileira na África, afirmava: "O Brasil está na cabeça do andamento do "lusofonismo", porque, vocês são muito mais lembrados, enriqueceram o português reinol com a língua brasileira, com o falar manso do brasileiro. Enriqueceram a literatura portuguesa e não tiveram, como em Portugal, 50 anos de estrangulamento cultural. A sua literatura está na vanguarda e até os cabo-verdianos, ou uma grande parte dos seus pensadores e de seus escritores, têm tido contato relativamente freqüente e com a literatura brasileira e com as diversas manifestações que o Brasil tem vindo mostrar ao mundo. Os escritores brasileiros estão, sem dúvida, dentro dessa família lusofônica. Não sou um literato, mas posso dizer que vocês estão na vanguarda e que têm um papel importantíssimo que está desenhado de antemão".

## OS MISTIÇOS

A entrevista que fizemos com o Dr. Daniel Neves teve por cenário a sede da Associação de Ajuda. Lá chegamos, os brasileiros que integravam a comitiva da Câmara, e nos deparamos com sararás e mulatos, bem ao tipo dos existentes aqui no Brasil. Aliás, nas ruas de Dacar, ao cruzarmos com pessoas assim como as antes descritas, bastava saudá-las em português e, sem surpresa, receber

sonoros "bons-dias". O contraste do ambiente também era maior por já estarmos acostumados com a maioria esmagadora de elementos nativos estes negros puros. Estávamos pois numa "ilha" dentro do Dacar, Senegal, onde todos falávamos, ainda que com sotaques diferentes, a mesma língua e nos ocorreu perguntar ao Dr. Neves como definiria os laços culturais que unem a comunidade cabo-verdiana a Portugal e ao Brasil.

"A cultura cabo-verdiana e os laços que a unem, por um lado a Portugal e por outro ao Brasil, é uma apreciação que me agrada fazer - disse ele -. Já devem saber que Cabo Verde, desértico a princípio, ensejou o surgimento de uma mestiçagem do escravo negro com o português, que descobriu as ilhas e que para lá foi a fim de colonizá-las. Esta foi uma mestiçagem que eu chamaria de origem e também uma mestiçagem cultural, Cabo Verde vem, nesse sentido, armado de uma aculturação de que nós já falamos em vários livros sobre nossa terra. E até um dos sociólogos brasileiros que por lá estive, fez certo número de apreciações. Trata-se de Gilberto Freyre, que observou: "podemos considerar o Cabo Verde como um caldeirão e o primeiro exemplo da mestiçagem cultural dos trópicos". E o processo brasileiro, que sempre interessou desde o início, porque o Brasil é maior, o Brasil se tornou independente muito mais cedo, nos tem servido de termo de comparação, embora no Brasil, por exemplo a casa grande e a senzala ocupem lugar de destaque. No Cabo Verde elas foram mais restritas, o que permitiu uma mestiçagem mais rápida. O idioma, no Cabo Verde, transformou-se e deu origem ao que nós chamamos de "criolo", que em realidade é um derivado do português, com suas articulações próprias. De outra parte, quero declarar que estamos atentos a cultura brasileira e queremos nos identificar cada vez mais com ela. Mas guardamos os laços que nos unem a todos os outros povos que vieram beber na mesma fonte da cultura portuguesa. Estamos numa fase onde a cultura desempenha um papel fundamental em nossos destinos, porque o homem se autentifica pela cultura. Assim diria que estamos mais perto do povo brasileiro, porque há a considerar, também, o problema político, eis que nos encontramos na fase de contestação do colonialismo. Por isto estamos mais perto do povo brasileiro e defendemos a idéia de constituir um mundo "lusofônico", se posso assim me exprimir, já que se fala em mundo "francofônico", "anglofônico", etc. E sem procurar distâncias entre Portugal, Cabo Verde e Brasil, formar um caldeirão e extrair de lá de dentro todos os valores que nós possuímos em favor do conagraçamento e da identificação, em favor da paz universal".

O espírito de integração entre as comunidades que falam a língua portuguesa é uma verdade que se pode sentir no contato com os guineenses, os angolenses e moçambicanos residentes no Senegal. Todos, sem distinção, no contato que fizemos, vêem imensas perspectivas para um desenvolvimento geral do relacionamento entre si. Pode-se constatar, na vida escolar do Senegal de nossos dias, uma procura inusitada pelo conhecimento da língua portuguesa. Indicativo desse interesse é também o espaço que a Rádio Nacional do Senegal dedica à programação em português. Ficamos amigos da professora Izabel de Moraes, da Universidade de Dacar, que mantém um programa diário em nosso idioma, com músicas brasileiras. Apesar das dificuldades que experimenta para obter, especialmente, músicas não comerciais, Izabel recebe diariamente muitas cartas de pessoas que pedem músicas e que desejam saber coisas do Brasil.

E o Brasil evidencia agora que está disposto a valer-se de sua condição de

irmão mais antigo, em termos de libertação; de sua condição de mais próspero em termos econômicos e de mais desenvolvido. E os africanos, nossos irmãos também em língua, esperam, pode-se dizer, a voz de comando para formarmos juntos a grande comunidade "lusofônica".